

# Candidatos no PP iniciam disputa

*Postulantes ao Palácio do Buriti tentam garantir a vaga na cabeça de chapa e Roriz acredita em 'grande coligação'*

A decisão da Comissão Executiva Regional do PP de lançar um candidato do próprio partido à sucessão do governador Joaquim Roriz abre uma grande disputa interna entre os postulantes ao Palácio do Buriti. Mesmo assim, o governador Joaquim Roriz apóia a decisão e chega a classificá-la de "justa", pois o PP é o partido mais forte do Distrito Federal. Roriz argumenta que seria uma "incoerência o PP não ter seu candidato à sucessão".

O governador Joaquim Roriz preferiu não se alongar em possibilidades, mas garantiu que a decisão do PP é o primeiro passo para que se faça uma "grande coligação". Só que lideranças políticas de vários partidos que ainda vislumbram a possibilidade de caminharem junto com Roriz nas próximas eleições, classificam tal fato como um "jogo de cartas marcadas". Isto porque o candidato ao cargo majoritário sairá dos quadros do PP e uma das vagas para o senado já está reservada para a vice-governadora Márcia.

Só que pessoas ligadas ao governador Joaquim Roriz garantem que não está descartada qualquer possibilidade de coligação no futuro. Mas no dramático tabuleiro de xadrez montado em torno do nome que terá o apoio de Roriz, nenhum jogador sabe qual peça será movida. "Se o governador ainda abre espaço para uma possível coligação, então porque razão a Executiva do PP fechou questão que o cabeça de chapa seria de seus próprios quadros? — pergunta o assessor de um dos candidatos. E arremata: "Até parece que o governador, mesmo tendo o referendo para conduzir o processo sucessório, foi envolvido pelos seus aliados e se transformou num refém do seu próprio partido.

O deputado federal Paulo Octávio (PRN-DF) não vê na decisão do PP qualquer empecilho para uma grande aliança com vista à vitória na próxima eleição. O parlamentar, que lançou sua candidatura à sucessão do GDF, garantiu que só dará continuidade à sua intenção com o apoio do governador. Caso contrário, será candidato à reeleição.

**Aliança** — Já o ex-ministro da Justiça, Maurício Corrêa, apostava todas as fichas numa aliança local entre o PP e o PSDB, onde poderia vir a ser o cabeça de chapa apoiado pelo governador Joaquim Roriz. Desde que saiu do ministério, Corrêa vem se mantendo em silêncio e evitando qualquer especulação em torno do seu nome. Ele chegou a ter algumas conversas reservadas com Roriz, mas nada chegou a ser fechado em função das negociações em nível nacional entre o PP e o PSDB, via o ex-ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso.

Após a derrota na última eleição, quando ainda habitava o PDT,

partido de Leonel Brizola, Maurício Corrêa não parece disposto a uma aventura eleitoral, apenas para demonstrar prestígio. Há quem chegue a imaginar que ele seria até capaz de aceitar, numa grande coligação, um convite para disputar uma vaga ao Senado com o apoio do governador. Só que para isso sequer precisaria do apoio de Roriz, pois as últimas pesquisas demonstram que tem reais chances de se reeleger senador.

A situação mais delicada é a do senador Valmir Campelo, que nas últimas semanas trafegou em diversas direções, buscando pressionar o governador Joaquim Roriz a tomar uma decisão sobre quem apoiaria. Campelo, liderando as pesquisas de opinião desde o início do ano, confessou a amigos que Roriz não tinha uma escolha melhor do que o seu nome. Mas Roriz fechou em torno do PP, cuja idéia é fortalecê-lo, tanto no DF como no resto do País.

A decisão unânime da Executiva do PP deixa em situação delicada o senador Valmir Campelo numa hora decisiva de sua carreira política. Candidato declarado e sonhando com o apoio do governador Joaquim Roriz, o senador precisa, de agora em diante, tentar buscar seu próprio caminho. Como já declarou inúmeras vezes que seria candidato a governador com ou sem o apoio de Roriz, Campelo está impossibilitado de recuar. Ao tomar uma atitude desse porte, ele estaria — sem qualquer disputa — admitindo o seu fracasso político.

**Chance** — Muitos correligionários de Campelo se unem para encorajá-lo a ser candidato pelo PTB, pois está ancorado em confortáveis índices de aprovação popular em todas as pesquisas de opinião. Outros políticos avaliam que o senador tem agora a sua grande chance de ser ou não governador. Caso seja derrotado nas urnas, tem ainda quatro anos de mandato no Senado, tempo suficiente para preparar uma possível campanha ao cargo majoritário.

Tendo por base tal raciocínio, Valmir Campelo poderia encontrar pela frente nas eleições de 98 o ex-governador Joaquim Roriz. Há quem diga que tal exercício de futurismo é bem possível. Só que desta vez não seria apenas Roriz, pois na lista da corrida sucessória poderiam aparecer nomes fortes como o empresário Luiz Estevão de Oliveira Neto, Paulo Octávio e muitos outros. Mesmo com o prestígio político de mais de 20 anos de Brasília, Campelo teria que vir ancorado em duas coisas básicas: um partido forte e uma coligação imbatível. Caso contrário, poderia passar pelo vexame ocorrido com Maurício Corrêa, que antes do final da campanha de 90 foi obrigado a "jogar a toalha"; pois não tinha força para derrotar a Frente Comunidade, liderada pelo governador Joaquim Roriz.



Benedito Domingos interrompeu a conversa de Valmir e Sigmaringa para explicar a decisão do PP

Raimundo Paccó